

Admito que para quem leia os textos que tenho escrito sobre o que, mais uma vez, vou trazer à baila, a questão do ensino e da aprendizagem, nunca do ensino – aprendizagem !..., possa parecer uma obsessão ou, na versão mais ligeira, uma repetição. Desnecessária, até.

Independentemente da razão que tal perspetiva possa encerrar, não me canso, muito menos me resigno perante algo que à minha forma particular de olhar e analisar a situação surge como entidades completamente distintas:

- o ensino... e a APRENDIZAGEM !

Da mesma forma que apresentar o algarismo “ 2 “ como o dígito que se segue ao algarismo “ 1 “, para além de um ato discricionário, pleno de desconsideração e tendencioso, seria uma barbaridade só desculpável perante uma gritante falta de bagagem indesculpável ou, ou pior ainda, ditado por uma propensão para assumir um protagonismo balofo e sem sustentação..., não é possível, pelos mesmo tipo de motivos, continuar a enrolar, qual croquete..., ensino com aprendizagem !

De igual forma, só para acordar de vez os distraídos, não expiramos o ar que inspiramos !

De maneira nenhuma !

São processos consequentes, sim, contíguos, até, mas cada um com sua identidade e material próprio.

Talvez levados por um padrão assente no menor esforço ou empurrados por uma análise pouco atenta, não excluindo a junção das duas..., continuamos a ouvir falar, à boca cheia, de ensino e aprendizagem como indistintos e, numa galopada impressionante para inclusão, eis que surge, de cara lavada e trajada a rigor, a expressão *ENSINO – APRENDIZAGEM*..., como que a responder literalmente aos tradicionais pacotes promocionais, é pegar ou largar..., paga 1 e leva 2..., só vantagens !..., de que estás à espera ?

Mas não !

Não são iguais..., não são a mesma coisa e, tal como com a expiração e a inspiração, apesar de facilmente confundidas, mais uma vez por erro de cálculo, facilitismo ou preguiça, têm identidades próprias assim como formas próprias de se apresentarem em público.

Para podermos avançar com a clareza que uma análise deste calibre recomenda, não deixando réstia de dúvidas a ninguém, podemos dizer com propriedade que, da mesma maneira que não se expira e inspira em simultâneo, ensino e aprendizagem diferem no processo, no momento, no sujeito e no nível em que operam..., como poderá confirmar na fundamentação que se segue.

Escolhi 10 pontos de diferença !

O “ 10 “ não traz agarrado a si qualquer mensagem encoberta ou significado especial.

Admito até que estes 10 pontos que colocam a uma distância confortável qualquer veleidade tendente a confundir duas entidades tão diferentes possam vir a engrossar com mais outros tantos pontos, o que, desde já sublinho, seria um ótimo reforço.

E, de uma vez por todas, seria saudável para todos deixarmos de utilizar a estafada expressão *ensino-aprendizagem* como se de um agrupamento de palavras com afinidade se tratasse, já que, na realidade, se comportam como linhas paralelas, as tais que, se alguma vez se viessem a encontrar..., só por interferência da imaginação e no domínio do infinito !

#### 1º DESENCONTRO IRRECUPERÁVEL: ENSINO E APRENDIZAGEM TÊM SUJEITOS DISTINTOS

EU posso ensinar outra pessoa..., mas não posso aprender outra pessoa !

Enquanto no ensino é necessária a presença de dois elementos, o que ensina e o que é ensinado..., a APRENDIZAGEM é obra de um só..., de quem aprende !

Podemos afirmar que o ensino é plural enquanto a APRENDIZAGEM... é singular !

O que liga quem ensina a quem é ensinado... é a “ matéria “ a ensinar.

O que liga na APRENDIZAGEM é o que o aprendente desconhecia ( NOVO ) com o que já conhecia, passando a fazer parte do seu agora atualizado repertório de competências.

## 2º DESENCONTRO IRRECUPERÁVEL: DE FORA PARA DENTRO VS. DE DENTRO PARA FORA

Ensino é uma abordagem externa, levada a cabo por alguém que não é o destinatário da empreitada !  
É uma ligação entre duas pessoas distintas em que uma, vinda de fora, apresenta, indica, mostra, explica.... o que o outro deve atender, compreender, seguir.  
Na abordagem do ensino, há trabalho por parte de quem ensina. Admito.  
Um trabalho para tornar o que se mostra atrativo, leve, sequencial..., de acordo com a lógica do ensinante. E espera-se que o aprendente..., compreenda.  
Na APRENDIZAGEM o que se busca não é esperar que eles entendam o que nós dizemos. É nós dizermos o que eles entendem !  
Na APRENDIZAGEM o trabalho reside em levar as pessoas a ligar, com a garantia de que não podemos fazer isso por elas ! Tal como com andar, comer, respirar !  
No ensino espera-se que o aprendente entenda tal como o ensinante indicou.  
Na APRENDIZAGEM, como se trata de ligar, só há incorporação quando o aprendente liga, o novo ao que já sabe, sendo necessariamente uma ligação única. Na forma, nas partes em ligação, na lógica, na construção. Por isso é que ninguém aprende como o outro aprendeu. Por isso é que a forma como chegamos ao mesmo destino depende do local de onde partimos e das vias de ligação que, a partir desse local de partida, permitem que cheguemos ao destino, ponto de encontro com todos os outros.  
É um processo que só acontece no e pelo aprendente..., da forma única como ele liga o que vem... com o que já tem !  
Ninguém me pode ... aprender !

## 3º DESENCONTRO IRRECUPERÁVEL: ALGO QUE SE FAZ A OUTRO VS. ALGO QUE SÓ O PRÓPRIO PODE FAZER

Se a APRENDIZAGEM é um processo só ao alcance do outro..., o que faz..., qual o papel de um professor-formador num contexto deste tipo ?  
Podemos pegar, como mero exemplo, no ato de comer.  
Nenhum adulto pode comer pela criança. Então, para que serve..., qual o interesse em ter o adulto presente neste processo ? E bastará ser adulto para o figurar como parte relevante no processo ?  
Selecionar o que proporcionar como refeição, preparar a comida para que a criança, de acordo com a idade, possa usá-la como alimento..., determinar as porções, quantidades, sequência e combinações, gerar um ambiente propício para que a experiência da refeição se revele algo divertido ( contexto / animação ) e útil ( reduzir a fome / suprir carência de nutrientes essenciais ).  
Mas, sobretudo, estar atento e pronto para alterar tudo quanto tinha pensado fazer se a criança não estiver a divertir-se e... a alimentar-se ! Porque é aqui que se cumpre... e se determina a eficácia do processo ! Naquela refeição e sempre !  
De nada adianta prepararmos uma refeição de excelência e a criança não comer !  
De pouco serve explicarmos as nossas opções, o porquê daqueles elementos específicos ou mesmo levar-lhe a comida à boca, reiterando que um dia ela..., a criança, ainda nos vai agradecer por a termos obrigado a comer o que não só não gostou na altura como aprendeu a detestar !  
Não podemos comer por ela. Mas conseguir que ela coma o que a fará desenvolver como pessoa... e levá-la a gostar do que come... é desígnio de uma nobreza sem par !..., até porque traz implícita a condição de ela ir aprendendo a comer sozinha, por conta própria !

**4º DESENCONTRO IRRECUPERÁVEL: POSSO ENSINAR TUDO E MUITO BEM... E O OUTRO NÃO APRENDER NADA.**

Da mesma forma que podem ter-me ligado centenas de vezes e eu não ter respondido !

As chamadas foram feitas..., há registos..., tudo cumprido a rigor..., só que para haver resposta teria de haver ligação e o passo fundamental para tal é que o destinatário reconheça quem chama e... atenda !

A APRENDIZAGEM não prescinde do aprendente pelo motivo óbvio que é nele que ela se verifica !

No ensino, não ! Se o professor-formador deu tudo..., se “ entregou “..., está o trabalho feito.

Como poderemos dizer que se entregou se o outro não nos abriu, sequer, a porta para receber a encomenda ? E se abriu, recebeu, mas atirou para um canto ?

Já repararam a que se referem os famosos sumários ? É ao que o aprendente incorporou ou ao que o ensinante entregou ? E haverá alguma correspondência direta entre entrega e incorporação ?

**5º DESENCONTRO IRRECUPERÁVEL: POSSO ENSINAR CONTRA A VONTADE DO OUTRO. APRENDER, NÃO !**

Numa dinâmica de ensino, porque o que pauta o processo é o que sai..., aquilo que se “ tem para dar “..., não entra em linha de conta a vontade do outro.

É como se entrássemos numa carruagem, numa determinada estação de comboios, numa linha que nos vai levar para o destino X.

Se tal destino nada nos disser..., não quisermos ir para lá..., não nos servir para coisa nenhuma..., paciência !

Vamos levar com as estações todas em cima e só temos duas possibilidades, qual delas a mais deprimente:

- i. “ comer e calar “..., até ao fim da viagem;
- ii. sair pelo caminho e ficar ainda mais perdido do que quando iniciamos viagem !

Claro que, Intencionalmente, omiti uma terceira que tanto jeito dá ao sistema:

- este elemento apresenta uma inadaptação qualquer..., precisa de ajuda extra !

Mas há outro tipo de expediente que merece uma reflexão à margem do embrulho com que nos é colocado em mãos há muito tempo.

Quando se diz, já todos ouvimos..., que determinado aprendente “ *não tem jeito para aquela disciplina...* “ , que “ *não é a sua vocação...* “ , que “ *não é a prala dele* “ ..., tudo isto dirá mais do aprendente..., das disciplinas ou conteúdos em causa ou da linha que escolhemos para ligar uns e outros ?

Não estará aqui um sinal de que a Inclinação para categorias pré-determinadas e fixas no aprendente não passa de uma forma simplista, corporativa e interesseira de escapar a abordagens alternativas e mais abrangentes de análise que, antes de mais, não permita que se retire da equação de análise um dos elementos Intervinentes no processo, o professor-formador ?

E quantas dessas putativas dificuldades tão badaladas não terão a ver com esta particularidade de que, enquanto eu posso ensinar contra a vontade do aprendente..., ele jamais aprenderá contra a sua vontade ?

Já repararam que na aprendizagem o direito de veto está do lado de quem aprende ?

**6º DESENCONTRO IRRECUPERÁVEL: PAR ENSINAR SÃO PRECISOS 2, NO MÍNIMO..., PARA APRENDER BASTA 1**

Ensina-se outro. A outra pessoa.

Ensinar é o ato de levar algo a outro..., na esperança que esse outro venha a modificar-se. Daqui as expressões tão popularizadas como “*vou dar uma aula* “..., “*vamos entregar o programa* “..., “*fui dar-lhes as equações do 2º grau* “.

Aprender é uma resultante.

De combinações entre elementos sendo o próprio a fazê-las ou, não são poucas as vezes, a aperceber-se que lhe estão a acontecer quando vai dispondo as coisas que incorporou.

Numa comparação perigosa, como todas são pela aposta que lhes garante vida, a de procurarem reduzir ao simples processos que não se apresentam assim..., poderíamos ousar dizer que ensino é a entrega de peças, aprendizagem é a construção de algo reconhecível e com sentido que o aprendente faz com as peças anónimas e avulsas que lhe entregam.

Ou seja, numa caso teremos peças, noutra uma construção LEGO !

E, sem deixar cair o LEGO..., os encaixes não obedecem a nenhuma ordem ou prescrição, antes ao sentido que cada um encontra nas ligações que faz..., o que é uma boa metáfora para a caracterização da APRENDIZAGEM !

Aprender é um processo único, privado, interno e que é da responsabilidade de quem aprende !

Como tal, não poderá nunca um professor-formador arrogar-se a autoria da aprendizagem de ninguém pela simples razão de ser um processo a que não acede diretamente.

Sendo a aprendizagem uma construção única, por ligação, a partir de material diverso não só não sabemos quando tal processo inicia..., quando termina..., e em que momentos está em laboração.

Sabemos, isso sim, que acontece no aprendente e por sua vontade e responsabilidade !

**7º DESENCONTRO IRRECUPERÁVEL: O ENSINO É CONSCIENTE. GRANDE PARTE DA APRENDIZAGEM É INCONSCIENTE.**

Por consciente quero dizer intencional, dirigido a alguém, muitas vezes objetivo e direcionado. Exige ( ou pelo menos dela beneficia ) atenção !

Quer do ensinante, quer do aprendente.

O que conta e irá mais tarde contar, aquando da avaliação..., é o que o ensinante coloca em cima da mesa e leva até ao aprendente. Tudo assenta no que “ foi dado “.

A APRENDIZAGEM, sendo um processo interno de construção por ligação, da responsabilidade do aprendente, e que é influenciado por variáveis externas, mas também internas ( ligações de natureza química e elétrica, chamadas sinapses... ) acontece sem haver necessidade da mobilização da atenção.

Ora, quando acontece uma manifestação, seja comportamento ou pensamento, à margem da atenção... estamos na domínio do Inconsciente.

E a APRENDIZAGEM funciona muito assim. É como a fervura ! Vai cozendo, mesmo depois de desligada a boca de alimentação de energia. Porque iniciada a ação de construção por ligação, estando tal ligação mediada por processos químicos e elétricos, havendo sempre braços abertos e disponíveis ( neurónios ) para reforçar continuamente ligações..., estamos perante a grande particularidade da aprendizagem..., a de ser um processo que nunca está terminado..., enquanto houver vida !

Será daqui, desta constatação, que terá saído a expressão que granjeou tanta simpatia, apesar de óbvia, da “ APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA ? “

## 8º DESENCONTRO IRRECUPERÁVEL: LADOS DA BARRICADA... O MESMO NÚMERO PARA ENSINO E APRENDIZAGEM ?

Por tudo quanto já foi dito nos pontos anteriores rapidamente chegaríamos à resposta à questão colocada: Não ! Não é o mesmo número de lados ! No entanto e por uma questão de rigor, talvez a questão mereça reformulação e, por consequência, uma resposta diferente.

De facto, no ensino, temos dois lados da barricada !

E a expressão nem é demasiado forte, apesar de gerar alguma comichão em algumas almas mais sensíveis.

Quem ensina..., como tantas vezes ouvimos, tem de cumprir um programa..., tem um horário impiedoso, um calendário apertado, um chorrilho de tarefas e obrigações administrativas..., sobrando muito pouco para... o aprendente ! Então, de um lado está o profissional que se esmifra, se for o caso..., a preparar, a arranjar dinâmicas..., suportes..., animações e seu eu lá mais o quê... para entregar. Para levar aos aprendentes o conteúdo que o calendário..., o programa ditam !

Ditado, portanto ! Lembram-se ?

O erudito ditava, alto, voz firme e pausada... e o aprendente escrevia..., sabendo que depois o que contava... eram os erros de escrita !

Ou seja, um exercício para caça ao erro que estaria por vir. E vinha, de certeza !

No tradicional ditado duvido seriamente que alguém tivesse disponibilidade para apreciar o texto que era ditado ! Porque quem se dispõe a apreciar uma ferramenta de tortura ?

Mal acabasse o ditado, ia-se logo... sofregamente, à procura da asneira, do erro, da falha..., *estão a ver seus falhados..., é por isso que estão aqui !..., ainda têm muito que andar !*

Estamos, pois, perante os dois lados da questão.

Quem ensina e quem é ensinado, cada um para seu lado, com defesas próprias, cada um sabe da sua vida.

Dois lados distintos, uma barricada, por vezes guerra..., por vezes tréguas. Mas dois lados, até porque há que classificar para separar, os bons e os outros !

Na APRENDIZAGEM, fazer com que o aprendente ligue o NOVO ao que já sabe e domina..., impõe uma abordagem diferente.

A começar pelo lado que se ocupa, que é um só ! O mesmo lado !

É preciso identificar quem é o aprendente, por que caminhos já andou, o que já conhece... para lhe prepararmos um itinerário específico que cruze, toque nos caminhos que já fez e rapidamente identifica.

Na aprendizagem há duas ideias mestras que importa relembrar, nunca é tarde..., que fazem a diferença:

- i. a unidade de referência é o aprendente, não o programa ou os conteúdos;
- ii. todo o aprendente aprende e é sempre bom em alguma coisa.

Estas duas premissas reconduzem o professor-formador para uma posição específica no processo de aprendizagem, do lado do aprendente, pois só assim poderá funcionar como um instigador de caminhadas a serem feitas... por quem aprende.

Se numa prova de ciclismo não soubermos por que ruas passa o pelotão, como poderemos tomar posição para irmos lá incentivar os corredores ?

Outra subtilidade, não menos importante, é a rotação no sentido da busca.

Na aprendizagem, perde sentido procurar o “ bom aluno “, ganhando preponderância e relevo procurar o que cada aluno tem de bom !



#### 9º DESENCONTRO IRRECUPERÁVEL: OS REQUISITOS DISTINTOS DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM

O ensino implica um momento próprio, um contexto determinado e uma intenção específica, já para não falar da presença, real ou a distância, dos dois tipos de atores, o professor-formador e o aprendente

Para que o ato de ensino possa acontecer, estes elementos funcionam, a um só tempo, como fatores estruturantes e caracterizadores do processo.

Por isso a subordinação a calendários, tempos, programas, conteúdos, regras, espaços, enfim, uma gama diversificada de parâmetros devidamente definidos e articulados na ausência dos quais redundaria impraticável o ensino.

Sobre a APRENDIZAGEM não se pode dizer que seja avessa a questões organizativas pela simples razão de tratar-se de algo passado a uma outra esfera, a um nível completamente diferente, inacessível a dimensões de cariz administrativo.

Alguém conseguirá, por muito organizado e disciplinado que seja, definir momentos na sua agenda pessoal para estrar feliz ou bem disposto ?

Não é o professor-formador quem define quando a aprendizagem se dá, porque ela dá-se no aprendente !

Nem o próprio aprendente sabe, com garantia, quando ela acontece a não ser pelo brilho dos olhos e pelo ruído espontâneo, como quando as peças do lego encaixam, só que desta vez o barulho é ... “ Ah... ! “

Indo buscar, novamente, a imagem da fervura que vai cozinhando apesar de termos desligado a boca do fogão..., a aprendizagem como processo não se circunscreve ao momento do encontro, à prática da ação, ao esforço de reflexão. Como foi já dito, é uma resultante disto tudo mais de outras variáveis nem sequer equacionáveis, como o acaso.

Quantas vezes, nas mais inverosímeis situações, nos momentos mais inesperados, nas condições menos propícias... já lhes aconteceu chegar a um ponto de destino e sentir a alegria fresca e exultante que lhe indica que... chegou lá ?

E não falo de nenhum ato transcendente ou milagre. Nada disso !

Até porque tal situação só acontece àqueles que se colocam, deixam-se ficar e dão-se bem em registo de fervura ! Na inquietude da procura curiosa e constante ! A aprendizagem não tem momento próprio e determinado, não tem contexto específico. Tem, isso sim, uma intenção do próprio em encontrar o encaixe da peça que tem em mãos e sabe que vai reforçar um conjunto e uma alegria em potencial que jorrará no momento do encaixe, que é como quem diz, da identificação do sentido das coisas !

#### 10º DESENCONTRO IRRECUPERÁVEL: O MOVIMENTO E O CORPO NO ENSINO E NA APRENDIZAGEM

O ensino, na sua forma mais profunda e ortodoxa passa muito bem sem o movimento do aprendente. E do seu corpo também !

Fosse isso possível e poderíamos, perfeitamente, deixar a cabeça na escola e mandar o corpo para a praia !

Lembram-se dos pedidos para estarmos quietos e calados ?

Recordam-se de nos prescreverem a atenção ? Para estarmos concentrados ?

Se vos apetecesse, durante uma aula, levantarem-se e passear pela sala..., isto criaria algum tipo de constrangimento no professor-formador ?

Sendo o ensino um ato de entrega, de transmissão ( ... do que quer que seja... ), havendo a passagem de lógicas e material que só um domina..., até se percebe que a exigência aponte para o imobilismo, para a ausência de movimento, para a rigidez da postura. É que se vai por funil... é melhor não abanar !

Só que nos esquecemos que o corpo aprende. Ou é uma variável importante da incorporação ( IN + CORPO + AÇÃO ).

Não há aprendizagem sem movimento e à margem do corpo.

Porque aprender implica colocar em ação ! Só sei que aprendi quando faço !